



## **Mídia e Vida Social: Uma Reflexão Sobre Categoria, Gênero e Subgênero<sup>1</sup>**

Ani Mari Hartz Born<sup>2</sup>

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)  
Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM/RS)

### **Resumo**

Este artigo parte do desafio de descobrir como se referir a um tipo de mídia que aborda predominantemente a vida na sociedade. Nesse sentido, busca-se como objetivos específicos identificar os principais temas contemplados pelos veículos de comunicação de Porto Alegre com intuito de encontrar uma classificação e nomeação mais pertinente e verificar se estes temas se constituem em várias categorias, gêneros e subgêneros ou formam um gênero próprio. Para tanto, utilizam-se as técnicas de coleta de Pesquisa Bibliográfica e Análise Documental e a técnica Análise de Conteúdo para análise dos dados.

### **Palavras-chave**

Mídia; Vida social; Categoria; Gênero; Subgênero.

### **1 Introdução**

Como se referir a um tipo de mídia que aborda predominantemente a vida na sociedade? Nesse sentido, percebe-se que se faz imprescindível uma discussão inicial de que “tipo” se trata. É preciso ver as lógicas próprias para se constituir uma nomenclatura, e para tanto se faz necessária a reflexão sobre categoria, gênero e subgênero.

Em Porto Alegre, acredita-se que esse “tipo” de mídia esteja presente nas revistas, como por exemplo, South Star, Versatille, Moinhos e Estilo Zaffari; nas colunas sociais de jornais como a RSVIP de Mariana Bertolucci do jornal Zero Hora, Gasparotto do jornal O Sul, Eduardo Connil do jornal Correio do Povo e Eduardo Bins Ely do jornal do Comércio; na televisão está retratada nos programas Sociedade do canal 20 (canal de Porto Alegre) com Odalgir Lazzari também veiculada na web (<http://www.tvnainternet.com.br>) e Zoom da Rede Pampa com Fernando Vieira. Já na Internet, estava disponível no período de abril de 2007 a julho de 2008, a revista digital

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciências da Comunicação (UNISINOS) e professora na ESPM/RS, e-mail: [aborn@espm.br](mailto:aborn@espm.br)



Caras Sul<sup>3</sup> com cerca de cento e quarenta mil e-mails cadastrados, abrangendo os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Neste contexto, norteada pela questão de como classificar e nomear os veículos de comunicação que abordam os temas citados, este artigo tem como objetivos específicos identificar os principais temas contemplados pelos veículos de comunicação de Porto Alegre com intuito de buscar uma classificação e nomeação mais adequada e verificar se estes temas se constituem em várias categorias, gêneros e subgêneros ou formam um gênero próprio.

Para empreender a proposta deste artigo utilizam-se três técnicas de pesquisa. A primeira trata-se da Pesquisa Bibliográfica para contribuição do referencial teórico, contemplando inicialmente a relação entre mídia e vida social com Silverstone (2002) e posteriormente a discussão de gênero, partindo de Bakhtin (1992) e chegando mais especificamente nas categorias, gêneros e subgêneros jornalísticos com Beltrão (1980), Melo (2003) e Souza, J. (2004). A segunda técnica de pesquisa se refere à Análise Documental para a construção do *corpus* que está explicitada na parte metodológica, após o referencial teórico e, por último, a técnica de Análise de Conteúdo para análise desse *corpus* selecionado.

## **2 Mídia e vida social**

Silverstone (2002) vê a mídia como um processo de mediação (circulação de significados). Entende que a mídia é muito mais do que o texto midiático para os seus leitores, envolve também os produtores e consumidores de mídia.

De acordo com o autor, a mídia opera de forma mais significativa na vida cotidiana, pois ela filtra e molda essa realidade, estabelecendo critérios, referências para o dia-a-dia.

Na novela e no talk show, os significados privados são propagados publicamente e os públicos são oferecidos para o consumo privado. As vidas privadas de figuras públicas tornam-se a matéria da novela diária; os atores que representam personagens de novela tornam-se figuras públicas solicitadas a construir uma vida privada para o consumo público. Caras! Contigo! (SILVERSTONE, 2002, p. 31)

A revista Caras, por exemplo, trazida por Silverstone (2002) possui abrangência nacional e, portanto, uma abordagem com mais ênfase nas celebridades, ou seja, nas pessoas que são reconhecidas socialmente no âmbito brasileiro e, além disso, explora a

---

<sup>3</sup> Conforme Rubens (2008) “O diretor-geral da Zigon Comunicações, Leonardo Zigon Hoffmann, empresa que produzia a revista digital sob licença da Editora Caras, vai anunciar em breve as alterações no site, que continuará em outro formato.”



vida privada das pessoas públicas, em graus e modulações diferentes das mídias locais. Segundo a Associação Nacional de Editores de Revistas (2008), a Caras é a quarta maior revista semanal em circulação, com uma média de 286.128 exemplares no período de janeiro a abril de 2008.

Alguns estudos significativos já foram realizados sobre a revista, tais como a tese de doutorado de Menezes (2002) intitulada “Jornalismo Irresistível: o fenômeno da revista Caras e o casamento, sem separação de bens, da notícia com o entretenimento” e a dissertação de mestrado de Aronchi de Souza (2004) intitulada “A (re) invenção do real: o limite entre vida pública e privada na cobertura das revistas de celebridades”, ambas no curso de comunicação social.

Nesses dois estudos, especificamente, nota-se a tentativa para se referirem a este tipo de mídia com a utilização de nomeações como “mídia de entretenimento” e o seu desdobramento no gênero *fait divers* e “revistas de celebridades”, porém, acredita-se que são tentativas ainda insatisfatórias e não se referem às mídias locais.

De acordo com Pena (2006, p. 10) “A mania de discutir gêneros é muito antiga. Os intelectuais gostam de classificar as coisas, inventar nomes e fingir que têm domínio racional sobre o mundo.” Porém, o autor se rende quando revela que

Não existe, entretanto, forma mais eficiente de aprofundar o estudo de qualquer assunto. É verdade que, ao enquadrar determinado conhecimento em um gênero específico, limito meu horizonte de análise. Mas essa limitação também é uma ampliação.

Partindo dessa linha de raciocínio proposta por Pena (2006) inicia-se a reflexão sobre gêneros.

## **2.1 Gêneros do discurso**

O estudo de gêneros apresenta normalmente três abordagens: as sócio-semióticas, as sócio-retóricas, e as sócio-discursivas.

Sendo assim, a partir de uma visão sócio-discursiva, tem-se o linguista russo Bakhtin (1992) como referência. O autor trabalha sob a nomenclatura de “gêneros discursivos”, a qual trata dos enunciados tanto orais quanto escritos que se relacionam com as diferentes esferas da atividade e comunicação humana. Percebe-se que o autor parte dos textos literários (seu lugar de fala) e estende a qualquer texto que configure uma função sócio-comunicativa. Na mesma linha de pensamento de Bakhtin (1992), Todorov (1980, p. 48) comenta que “Um gênero, literário ou não, nada mais é do que essa codificação de propriedades discursivas.”



Para Bakhtin (1992) o gênero é composto por tipos de enunciado que evidenciam três elementos ou critérios: estilo (recursos léxicos: preferências gramaticais, vocabulário), conteúdo temático (assunto, mensagem, finalidade) e construção composicional (estrutura formal):

O estilo é indissociavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais: tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal (relação com o ouvinte, ou com o leitor, com o interlocutor, com o discurso do outro, etc.). O estilo entra como elemento na unidade de gênero de um enunciado (BAKHTIN, 1992, p. 284).

Bakhtin (1992, p. 286) ainda completa afirmando a íntima relação entre estilo e gênero: “Quando há estilo, há gênero”.

Neste contexto, partindo da premissa de Bakhtin (1992, p. 279) de que “A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas [...]” entende-se que além dos gêneros literários fortemente estudados pelo autor e também por Todorov (1980), há também os gêneros da esfera jornalística, como por exemplo, a crônica.

Pereira (2004) resgata a etimologia da palavra “crônica”, que vem do grego *Cronikós* e está intimamente ligada à cronologia do tempo. “Sendo assim, quaisquer discursos que relatassem os efeitos de algum grupo social poderiam ser encarados como crônica, desde que fossem anunciados em um tempo linear, cronologicamente” (PEREIRA, 2004, p. 17).

No século XII, a noção de crônica modifica-se passando a ser entendida como “[...] uma forma narrativa que se constroi no plano da denotação e da conotação; do relato histórico e da ficção literária [...]” (PEREIRA, 2004, p. 18). Nesse sentido, percebe-se a ênfase nos campos da história e da literatura.

A partir do século XIX, a crônica rompe com seu caráter cronológico dos fatos e trabalha as relações sociais da burguesia. E a partir do Romantismo, é que os laços entre crônica e jornalismo impresso se estreitaram, em virtude do capitalismo orientado pela burguesia. Porém, na primeira fase do Romantismo, muitas vezes a crônica era confundida com textos de opiniões, pois predominava o tom opinativo (PEREIRA, 2004).

## **2.2 Esfera jornalística impressa**

De uma forma mais abrangente, a esfera jornalística trabalha com informação que interessa ao público (BELTRÃO, 1980). Já Benitez (1990, apud MELO, 2003, p. 26) especifica mais na medida em que afirma que “O jornalismo não é só transmissão ou



comunicação de notícias e informação da atualidade. É também comunicação de idéias, opiniões, juízos críticos.”

Nesse sentido, evidenciam-se as funções do jornalismo: informar, interpretar, divertir (entreter) e opinar. Se para Beltrão (1980) as funções do jornalismo se resumem a três: informar, entreter, e interpretar; sendo que esta última engloba a função de opinar, para Melo (2003), marcado por uma base norte-americana, predominam duas funções jornalísticas: a informativa e a opinativa; sendo que a informativa é responsável por narrar os fatos e engloba a função interpretativa e a diversional, enquanto que a opinativa se refere a expressar as idéias.

A partir desses autores, entende-se que as funções do jornalismo são referenciadas como categorias jornalísticas, ou seja, categoria jornalismo informativo, opinativo, entre outros.

Embora Beltrão (1980, p. 64, grifo nosso) não entre na seara de definição de categoria, gênero e subgênero, a partir de sua colocação de que “Estão nessa categoria de opinantes profissionais os *comentaristas* ou *cronistas* de política, esportes, economia e finanças, religião, assuntos urbanos, **vida social**, modas, educação [...]” e “opinião do jornalista [...] se expressa em artigos e crônicas”, pode-se compreender como categoria o jornalismo opinativo; tendo dentro desta categoria os gêneros artigo e crônica (assim como em Bakhtin), que possuem os seus subgêneros, como a vida social, por exemplo.

Por outro lado, Melo (2003), além de revelar a importância do estudo dos gêneros na esfera jornalística, afirma a existência de uma relação entre categorias e gêneros, sendo que este último está intimamente ligado ao estilo, elemento este destacado anteriormente por Bakhtin (1992).

Se os gêneros são determinados pelo “estilo” e se este depende da relação dialógica que o jornalista deve manter com o seu público, apreendendo seus modos de expressão (linguagem) e suas expectativas (temáticas), é evidente que sua classificação restringe-se a universos culturais limitados (MELO, 2003, p. 44)

Contudo, Melo (2003) se concentra na classificação brasileira de gêneros divididos nas categorias de jornalismo informativo, interpretativo e opinativo, baseado em Beltrão, conforme quadro 1.

CATEGORIAS			
	Jornalismo Informativo	Jornalismo Interpretativo	Jornalismo Opinativo
GÊNEROS	Notícia; Reportagem; História de interesse	Reportagem em profundidade	Editorial; Artigo; Crônica; Opinião



	humano; Informação pela imagem.		ilustrada; Opinião do leitor
--	---------------------------------	--	------------------------------

Quadro 1 - Categorias e Gêneros de Luiz Beltrão  
Fonte: Elaborado pela autora a partir de Beltrão (1980).

O gênero “Crônica”, proposto por Beltrão (1980, p. 66), “É uma forma de expressão do jornalista/escritor para transmitir ao leitor seu juízo sobre fatos, idéias e estados psicológicos e coletivos. [...] O comentário é leve, concreto, incisivo [...]”.

Para Beltrão (1980) esse gênero pode ser dividido com base na natureza do tema: crônica geral, local e especializada. A crônica geral, também conhecida por coluna especial, trata dos assuntos variados e pode ter um lugar fixo no jornal. A crônica local, também conhecida como urbana, trata da vida cotidiana da cidade. Já a crônica especializada, também conhecida como comentário, trata assuntos de um campo de atividades, tais como esportes, política e economia.

Sendo assim, Melo (2003, p. 61) tece as devidas críticas à classificação de Beltrão, entre elas, a de que “[...] o critério básico que ele [Beltrão] toma é o texto como unidade discursiva, figurando a imagem como exceção nesse universo.” A partir de Beltrão, Melo (2003) apresenta sua própria classificação de categorias<sup>4</sup> e gêneros, porém, não fala especificamente em subgênero, somente em tipos.

CATEGORIAS		
	Jornalismo Informativo	Jornalismo Opinativo
GÊNEROS	Nota; Notícia; Reportagem; Entrevista	Editorial; Comentário; Artigo; Resenha; <b>Coluna; Crônica</b> , Caricatura; Carta

Quadro 2 - Categorias e Gêneros de José Marques de Melo  
Fonte: Elaborado pela autora a partir de Melo (2003, p. 65).

A partir de Melo (2003), entende-se que há a categoria ‘Jornalismo Opinativo’ (assim como Beltrão classifica) com os respectivos gêneros “Coluna” e “Crônica”, sendo esta última também contemplada por Beltrão.

A própria definição de Coluna por Rabaça e Barbosa (1978 apud MELO, 2003, p. 139, grifo nosso) mostra o seu recorte e a relação com a Crônica: “[...] seção especializada de **jornal** ou **revista**, publicada com regularidade, geralmente assinada, e

<sup>4</sup> Embora Costa (2007) afirme que nos trabalhos mais atuais publicados por Melo, ele trabalha com cinco categorias jornalísticas: informativa, opinativa, interpretativa (dossiê, perfil, enquête e cronologia), diversional (história de interesse humano e história colorida) e utilitária (indicador, cotação, roteiro e serviço).



redigida em estilo mais livre e pessoal do que o noticiário comum” que pode estar configurada, por exemplo, sob a forma de notas e crônicas.

A partir do gênero Coluna, Melo (2003), baseado nos norte-americanos, apresenta quatro tipos de colunas com suas definições, conforme quadro 3.

		CATEGORIA
		Jornalismo Opinativo
GÊNERO	Coluna	
Tipos	1. Padrão	‘[...] dedicada aos assuntos editoriais de menor importância, reservando a cada um pouco mais de um parágrafo, o que implica um tratamento superficial, apenas sugerindo tendências ou propondo padrões de julgamento;’
	2. Miscelânea	‘[...] combinação de prosa e verso, foge ao padrão tipográfico convencional, misturando tipos; não se prende a nenhum assunto, incluindo uma grande variedade de temas e atribuindo uma certa dose de humor e sarcasmo aos assuntos;’
	3. Mexericos	‘[...] centralizada em pessoas, principalmente as figuras da alta sociedade, as personalidades famosas, ou mesmo, no caso dos pequenos jornais, às pessoas de destaque da comunidade. Divulga confidências, indiscrições, faz elogios, impõe sanções comportamentais. Inicialmente voltado para a high society, esse tipo de coluna subdivide-se depois por ramos de atividades: cinema, teatro, música, esporte, economia;’
	4. Bastidores da polícia	‘[...] variante da coluna de mexericos, mas sem adotar a sua “tagarelice”, situa o leitor no mundo do poder, mostrando-o na sua intimidade.’

Quadro 3 - Tipos de Gêneros de José Marques de Melo  
Fonte: Elaborado pela autora a partir de Melo (2003, p. 141).

Então, é possível afirmar que o gênero “Coluna” com o respectivo tipo “Mexericos” e, conseqüentemente, o tipo “Coluna Social” são os que mais se aproximam da questão norteadora deste artigo.

Além dos autores brasileiros Beltrão (1980) e Melo (2003), há também trabalhos sobre os gêneros jornalísticos como, por exemplo, de Casali (2007) que fez um esforço para estabelecer uma categorização da estrutura da mídia impressa revista no Brasil e também de Dias (1998) sobre jornal e revista, ambos estudados a partir da dupla de autores acima citados, logo ficando restritos a dois meios de comunicação que compartilham do caráter impresso.

### 2.3 Esfera jornalística televisiva

Embora Melo (2003, p. 147) afirme que “[...] o colunismo permanece restrito aos veículos impressos”, tem-se o jornalista brasileiro Aronchi de Souza (2004) que apresenta seu estudo sobre a esfera jornalística televisiva. Primeiramente, o autor mostra as três funções/categorias da televisão: informar, entreter e educar. Logo em seguida, faz uma breve discussão sobre categoria revelando “[...] que a categoria abrange vários gêneros [...]” (ARONCHI DE SOUZA, 2004, p. 37), ou seja, segue na mesma linha de pensamento de Beltrão (1980) e Melo (2003). No que diz respeito ao gênero, o autor



coloca que está intimamente ligado ao formato e à categoria. “Em televisão, vários formatos constituem um gênero de programa, e os gêneros agrupados formam uma categoria.” (ARONCHI DE SOUZA, 2004, p. 45).

Baseado na grade horária de sete redes de televisão brasileira durante um ano, Aronchi de Souza (2004) apresentou as categorias com seus respectivos gêneros, conforme quadro 4:

CATEGORIAS					
	Entretenimento	Informação	Educação	Publicidade	Outros
GÊNE-ROS	Colunismo Social, Auditório; Culinário; Desenho Animado; Infantil; Filme; Variedades; Novela; Musical, entre outros.	Debate; Documentário; Entrevista; Telejornal.	Educativo; Instrutivo	Chamada; Filme Comercial; Político; Sorteio; Telecompra	Especial; Eventos; Religioso

Quadro 4 - Tipos de Gêneros de José Carlos Aronchi de Souza  
Fonte: Elaborado pela autora a partir de Aronchi de Souza (2004, p. 92).

O gênero “Colunismo Social” retratado por Aronchi de Souza (2004) apresenta um misto de *talk show*, propaganda institucional e telecompras. O autor conta que esse gênero aborda festas e lançamentos de produtos com respectivas entrevistas ao proprietário da marca e seus ilustres convidados. Além disso, destaca os pioneiros Ibrahim Sued (anos 50) e Amaury Jr. (anos 80) e revela o formato do gênero destacando elementos como a importância do figurino do apresentador, a sua simpatia e a fala do entrevistado, não importando a veracidade de sua informação.

Após o estudo de Bakhtin (1992), Beltrão (1980), Melo (2003) e Aronchi de Souza (2004), reafirma-se uma observação de Pena (2006) de que o critério utilizado para o estudo de gêneros jornalísticos centrou-se na questão de forma e conteúdo.

### 3 Metodologia e Análise

Para atingir ao objetivo estabelecido inicialmente, as técnicas de pesquisa utilizadas foram: a Pesquisa Bibliográfica para elaboração do referencial teórico, a Análise Documental para construção do *corpus*, e a Análise de Conteúdo para análise desse *corpus*.

A Pesquisa Bibliográfica visa identificar, localizar e obter a bibliografia pertinente sobre o assunto (STUMPF, 2005). Já a Análise Documental busca a construção do *corpus* através da identificação, verificação e apreciação de documentos, tais como revistas, jornais, gravações de áudio e vídeo, entre outros, para determinado fim que auxilia e complementa outras técnicas de pesquisa (MOREIRA, 2005).





O *corpus* de análise foi constituído pelos meios de comunicação jornal, revista, televisão e internet, conforme quadro 5.

<b>Meio de comunicação</b>	Jornal	Revista	Televisão/Internet
<b>Veículo de comunicação</b>	Zero Hora	South Star Magazine	Canal 20 (Porto Alegre) e pelo site
<b>Parte do veículo analisada</b>	Coluna Social RSVIP (página 2)	Revista na íntegra	Programa Sociedade Inédito as quintas às 19 horas e através do site tvnainternet.com
<b>Responsável</b>	Maria Bertolucci	Cláudio Campos	Odalgir Lazzari
<b>Periodicidade</b>	Diário (exceto domingos)	Mensal	Semanal
<b>Corpus de análise</b>	7 colunas (período de 06 a 13 de outubro 2008)	Outubro 2008 (edição de aniversário – 8 anos)	5 edições do mês de outubro de 2008 (dias 02, 10, 17, 23 e 30)

Quadro 5 - Seleção e caracterização do *corpus* de análise do artigo  
Fonte: Elaborado pela autora.

Para análise desse *corpus* será empregada a Análise de Conteúdo, que, de acordo com Berelson (1952 apud BARDIN, 2004, p. 31), consiste em “[...] uma técnica de investigação que através da descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações.”

Encontraram-se doze categorias com aproximadamente mil unidades de registro. As oito principais categorias temáticas dos veículos de comunicação analisados foram:

1. Pessoas da sociedade local (somente com a utilização de nomes completos);
2. Propaganda (anúncios pagos);
3. Profissionais do Mercado (menção da profissão com o respectivo nome da pessoa);
4. Publicidade (reportagens, notas através de *releases*, lançamentos de empresas/produtos);
5. Locais das Celebrações (nomes dos clubes, igrejas, associações);
6. Celebrações Privadas (casamentos, aniversários, debutantes, nascimento);
7. Cultura (exposições, livros) e
8. Saúde/Beleza (rejuvenescimento, celulite)

E em menor grau as categorias temáticas Celebrações coletivas (shows, bailes), Beneficência (caridade, doações, cunho social), Pessoas famosas (nomes das celebridades com reconhecimento nacional/mundial) e Moda.

Conforme exposto na figura 1, Beltrão (1980) formula a categoria Jornalismo Opinitivo com o respectivo gênero: Crônica, e trata como tipos e não subgêneros a Crônica Geral, Local e Especializada.

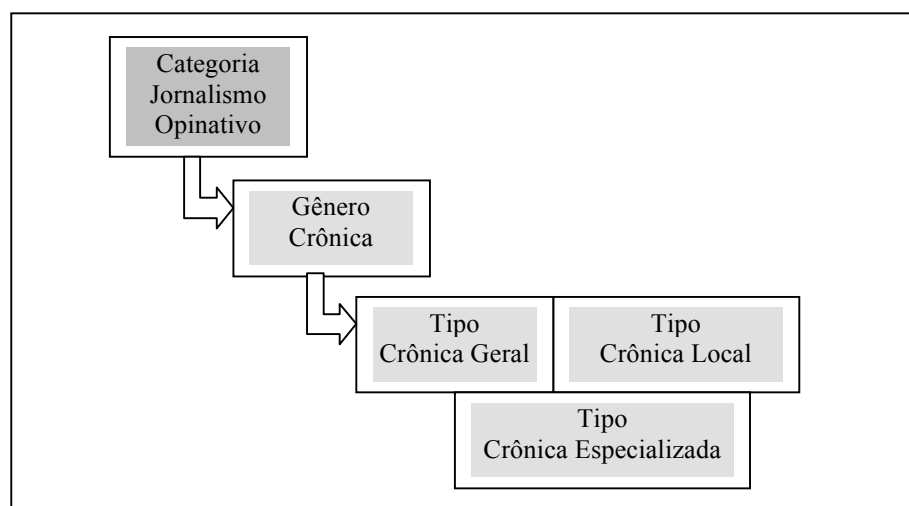


Figura 1 - Síntese de categorias e gêneros de Beltrão relacionados com o objeto de estudo.  
Fonte: Elaborado pela autora a partir de Beltrão (1980).

Acredita-se na relevância da categoria e gênero nomeados, pois se trata de opinião e de estilo, respectivamente. Porém, a partir da divisão do gênero “Crônica” em geral, local e especializada, entende-se que os temas do objeto desse artigo se enquadrariam mais na chamada “Crônica Especializada”, pois trata da vida social. Para endossar essa nomenclatura seria preciso se referir como “Crônica Especializada da Vida Social”, pois a utilização de somente “Crônica Especializada” seria ampla, podendo tratar de outros assuntos tais como educação, ciência. E, além disso, não contemplam imagens, somente textos.

Melo (2003) também trabalha com a nomenclatura de categoria de “Jornalismo Opinitivo”. Quanto ao gênero, embora a terminologia “Coluna” empregada pelo autor se relaciona melhor com o objeto de estudo desse artigo, o autor não descarta a aproximação com a “Crônica”, mais especificamente com a “Crônica Social”. Revela o seu caráter ambíguo na medida em que endossa as colocações tanto de Coutinho quanto de Freyre (1978) e Erbolato (1981).

De um lado é um gênero literário como a crônica e, do outro, como noticiário, vive da dispersão, no caso frívola, dos acontecimentos. Evidentemente, é um

gênero literário. Tem sua economia textual, suas inovações formais: ela é o folhetim do cotidiano burguês (COUTINHO 1976, apud MELO, 2003, p. 147).

Com base na figura 2 é possível ter um entendimento do raciocínio de Melo (2003) e expor que o autor também não se refere a subgênero, mas, sim, “tipos” (“Mexerico” e dentro dele a “Coluna Social”). E, além disso, a nomenclatura “Coluna” por si só remete à idéia de uma determinada diagramação, um formato específico.

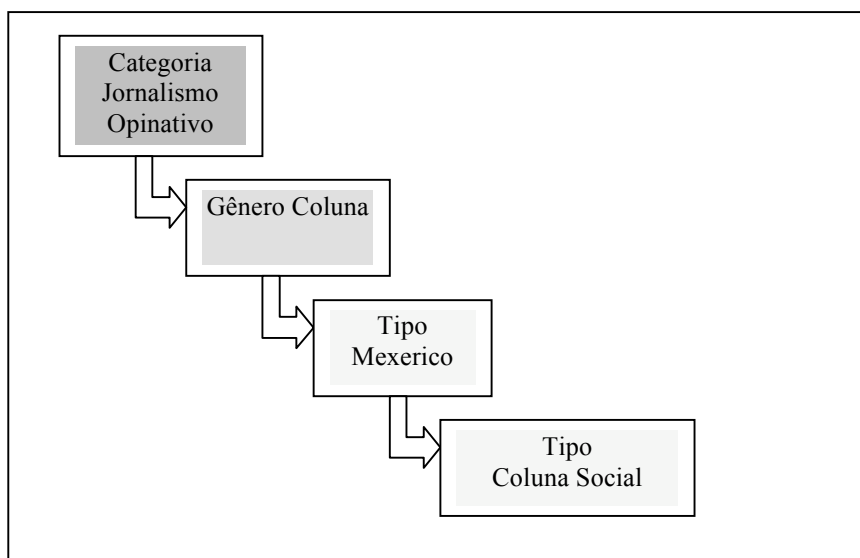


Figura 2 - Síntese de categorias e gêneros de Melo relacionados com o objeto de estudo  
Fonte: Elaborado pela autora a partir de Melo (2003).

Beltrão (1980) e Melo (2003) se referem especificamente à mídia impressa. Em se tratando de mídia eletrônica, mais especificamente a televisiva e relacionando com os temas encontrados com a técnica de Análise de Conteúdo, tem-se o entendimento de Aronchi de Souza (2004) na figura 3.

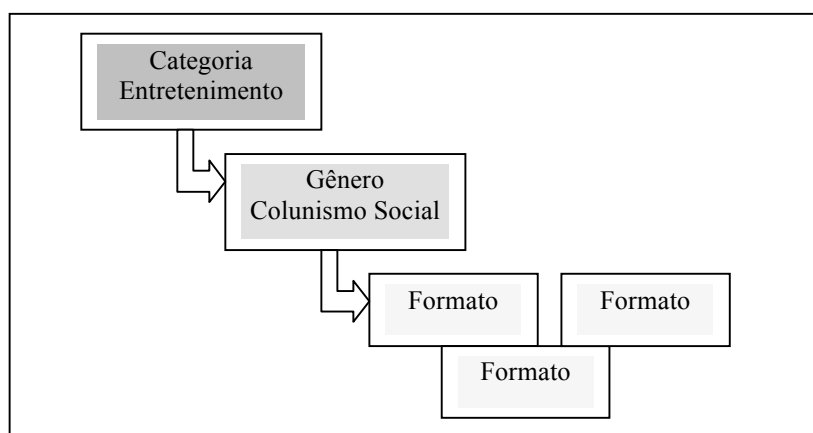


Figura 3 - Síntese de categorias e gêneros de Aronchi de Souza relacionados com o objeto de estudo.



Fonte: Elaborado pela autora a partir de Souza, J. (2004, p. 47).

Aronchi de Souza (2004) trabalha sob os termos de categoria “Entretenimento” e gênero “Colunismo Social” destacando os vários formatos que diz respeito ao meio de comunicação que abrange a forma e o tipo de produção. Pensa-se que a utilização da terminologia da categoria “Entretenimento” seja mais pertinente em detrimento de “Jornalismo Opinativo” proposto por Beltrão (1980) e Melo (2003), uma vez que está mais difundida pelo senso comum e não deixa de ter como característica a opinião. Já o gênero “Colunismo Social” também apresenta um engessamento, remetendo à mesma ideia de uma determinada diagramação. O autor não menciona subgênero.

#### **4 Considerações finais**

Percebeu-se que forma e conteúdo são os critérios normalmente utilizados nos estudos de categorias e gêneros. E os subgêneros não são normalmente trabalhados sob esta nomenclatura.

Através da técnica de Análise de Conteúdo foi possível identificar os principais temas contemplados pelos veículos de comunicação de Porto Alegre: pessoas da sociedade local, propaganda, profissionais do mercado, publicidade, locais das celebrações, celebrações privadas, cultura e saúde/beleza.

Notou-se também que os autores divergem, trabalhando em duas categorias (jornalismo opinativo e de entretenimento), dois gêneros (coluna e crônica) e um subgênero (social) para se constituírem em um gênero próprio.

Com isso, revelou-se que é possível a utilização de categoria, gênero e subgênero somente utilizando o critério conteúdo/tema, eliminando as barreiras quanto à forma.

A partir da noção de colunismo social de Souza (2004) para a televisão, estende-se para outros meios de comunicação (jornal, revista e web) e também para além da definição proposta pelo autor (um misto de *talk show*, propaganda institucional e telecompras).

Dessa forma, acredita-se que o caminho percorrido neste capítulo em busca de uma classificação e uma nomeação mais adequada para o tipo de mídia que se está estudando está melhor apresentado da seguinte forma (figura 4).

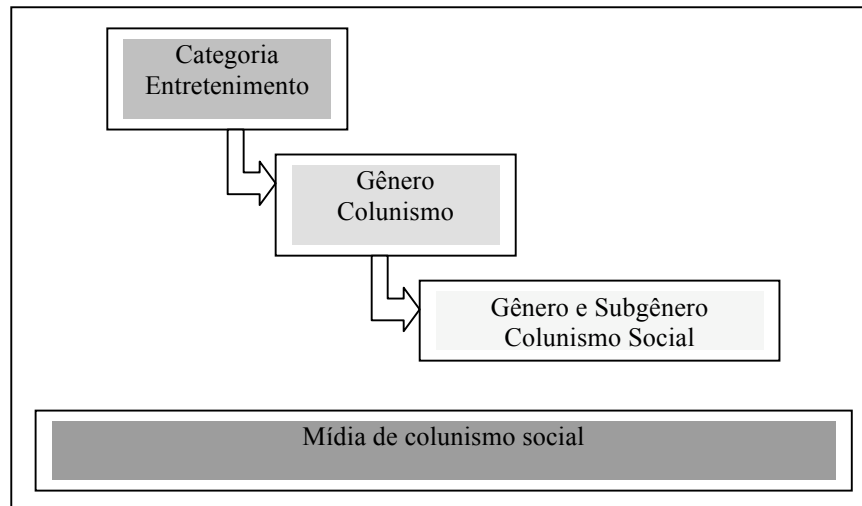


Figura 4 - Entendimento de categorias, gêneros e subgêneros a partir de Beltrão, Melo e Aronchi de Souza relacionados com o objeto de estudo.

Fonte: Elaborado pela autora.

A escolha da categoria sob o nome “Entretenimento” se deu em relação ao fácil entendimento do senso comum mas que não descarta o seu caráter opinativo. A opção pelo gênero “Colunismo” se deu pela noção de mais liberdade de estilo e não remeter a um formato pré-estabelecido de Coluna/Crônica, pois transmite a ideia de ação, movimento. Já o subgênero “Colunismo Social” foi escolhido em virtude dos temas encontrados na pesquisa exploratória tratarem da vida em sociedade, embora esse subgênero também revele seu caráter impresso, mas em menor grau do que a palavra “Coluna”. Portanto, adotou-se o tipo de mídia estudado como “mídia de colunismo social”.

Por fim, é válido destacar o que Silverstone (2002, p. 35) nos relembra: “Em nosso trabalho [estudar a mídia], muitas vezes e com razão, o simples se torna complexo, o óbvio opaco. Luzes brilhantes fazem desaparecer as sombras. Está tudo nos cantos.”

### Referências Bibliográficas

ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EDITORES DE REVISTAS. Circulação. São Paulo: ANER, 2008. Disponível em: <<http://www.aner.org.br/Conteudo/1/artigo42424-1.asp>>. Acesso em: 25 out. 2008.



BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso: problemática e definição. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 279-287.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 2004.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BERTOLUCCI, Mariana. Rsvip. **Zero Hora**, Porto Alegre, ano 45, n. 15743, 06 out. 2008. Segundo Caderno, p. 2.

\_\_\_\_\_. **Zero Hora**, Porto Alegre, ano 45, n. 15744, 07 out. 2008. Segundo Caderno, p. 2.

\_\_\_\_\_. **Zero Hora**, Porto Alegre, ano 45, n. 15745, 08 out. 2008. Segundo Caderno, p. 2.

\_\_\_\_\_. **Zero Hora**, Porto Alegre, ano 45, n. 15746, 09 out. 2008. Segundo Caderno, p. 2.

\_\_\_\_\_. **Zero Hora**, Porto Alegre, ano 45, n. 15747, 10 out. 2008. Segundo Caderno, p. 2.

BERTOLUCCI, Mariana. Rsvip. **Zero Hora**, Porto Alegre, ano 45, n. 15748, 11 out. 2008. Segundo Caderno, p. 2.

\_\_\_\_\_. **Zero Hora**, Porto Alegre, ano 45, n. 15750, 13 out. 2008. Segundo Caderno, p. 2.

CASALI, Caroline. Gêneros, subgêneros e formatos da mídia impressa revista no Brasil. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE A ESCOLA LATINO AMERICANA DE COMUNICAÇÃO, 11., 2007, Pelotas/RS. **Anais...** Pelotas: CELACOM 2007, 2007. v. 1.

COSTA, Lailton Alves da. **Jornalismo brasileiro: a teoria e a prática dos gêneros jornalísticos nos cinco maiores jornais do Brasil**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007, Santos. [**Anais eletrônico**]. São Paulo: INTERCOM, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R2197-1.pdf>>. Intercom, 2007>. Acesso em: 20 out. 2008.

DIAS, Paulo Rocha. Gêneros e Formatos da Comunicação Massiva Periodística: um estudo da Folha de S. Paulo e da revista Veja. **Intercompreensão: revista Didáctica das Línguas**, Recife, 1998.

ERBOLATO, Mário. **Jornalismo especializado**. São Paulo: Atlas: 1981.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 290-303.



FREYRE, Gilberto. A crônica social, **Folha de São Paulo**, setembro de 1978.

LAZZARI, Odalgir. **Programa Sociedade**. Disponível em:  
<<http://www.tvi.com.br/portal/view.video.php?z=aWRfdmlkZW89NDM2MyZpZD0yNg==>>.  
Acesso em 31 out. 2008.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MENEZES, Claudia Giudice de. **Jornalismo irresistível: o fenômeno da Revista Caras e o casamento, sem separação de bens, da notícia com o entretenimento**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 269-279.

PENA, Felipe. **O jornalismo literário como gênero e conceito**. Disponível em:  
<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1506-1.pdf>>. Intercom, 2006.  
Acesso em: 28 out. 2008.

PEREIRA, Wellington. **Crônica: a arte do útil e do fútil: ensaio sobre a crônica no jornalismo impresso**. Salvador, BA: Calandra, 2004.

RUBENS, Thiago. **Edição digital Caras Sul encerra atividades**. Disponível em:  
<<http://www.jornalistasdawe.com.br/index.php?pag=displayConteudo&idConteudo=3299&idConteudoTipo=1>>. Acesso em: 23 jul. 2008.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

SOUTH Star Magazine. Porto Alegre, ano 9, n. 94. out. 2008.

SOUZA, Ana Claudia de. **A (re)invenção do real. O limite entre vida pública e privada na cobertura das revistas de celebridades**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 51-61.

TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.